



ARTEMÍDIA PRESENTE: ENSINO–PESQUISA–EXTENSÃO NO ATELIÊ–LABORATÓRIO

Pelópidas Cypriano Pel*

Rubens Eduardo Monteiro de Toledo**

Marcos Rizoli***

Resumo – Artemídia Presente é o termo que expressa a pesquisa sobre a presença do artista na universidade contemporânea desenvolvendo, no ateliê-laboratório, a indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão–gestão. O ateliê-laboratório é o ambiente de práticas pedagógicas para o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento artístico-científico no curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais (Blav), as quais são promovidas pelo Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (DAP-IA-Unesp). A questão norteadora da pesquisa foi: quais as formas de presença do artista na universidade contemporânea? O resultado permitiu esboçar um panorama da produção artístico-científica do Departamento de Artes Plásticas IA Unesp, revelando um autorretrato do ateliê-laboratório com seus vários tipos de artista: professores, técnicos, alunos, pesquisadores, extensionistas, gestores, convidados e outros.

Palavras-chave: artemídia, ateliê-laboratório, cibernética pedagógica freinetiana, produção artístico-científica, ensino-aprendizagem de artes visuais.

INTRODUÇÃO

Artemídia Presente é o termo que expressa a pesquisa sobre a presença do artista na universidade contemporânea desenvolvendo, no ateliê-laboratório, a indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão–gestão. Este artigo apresenta o trabalho investigativo realizado no Grupo de Pesquisa Artemídia e Videoclip (Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq) e no Departamento de Artes Plásticas (DAP) do Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), inserida no Programa de Pós-doutorado

* Professor doutor (Livre-docente) do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

** Professor doutor da Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP).

*** Professor doutor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe), integrada por dois supervisores da Unesp, um estagiário de pós-doutorado da Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap) e outro da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). O texto interinstitucional relata as principais questões e protótipos formulados e discutidos pelos autores sobre o caso estudado, Ateliê–Laboratório de Imagem Cinética Eletrônica (Alice), balizado na universidade pública e mediado pelo olhar da universidade privada.

QUESTÃO N. 1 – ARTISTAS E PROFESSORES E PESQUISADORES E GESTORES?

Por que um polissíndeto interrogativo? Talvez porque seja uma figura de linguagem conveniente para expressar o caráter cumulativo de funções que o profissional do ensino de artes deve exercer na universidade pública contemporânea. Não basta ser artista para ensinar artes nesse tipo de universidade, ou seja, não basta dominar um campo do conhecimento já consolidado e possuir capacidade didática para transmiti-lo aos alunos. É preciso saber produzir e gerenciar novos conhecimentos.

Então, há uma sobrecarga de funções para o professor artista e fica, por esse motivo, difícil detectar a presença do artista na universidade pública: não há carga horária suficiente para a plena expressão do artista. É possível associar a tal situação as frases populares "quem não aparece, não é visto" e "quem não é visto, não é lembrado". Ainda no senso popular, surge um conflito entre "aparência" e "essência": não "aparece" porque não "é".

Parece existir uma força invisível que inibe a visibilidade do artista na universidade pública contemporânea, a qual dificulta a manifestação de algo que existe subjacente. É uma força de origem oculta no consuetudinário institucional, silenciosamente presente no cotidiano, que ninguém questiona ao cumprir obstinadamente.

PROTÓTIPO N. 1 – ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO ESTATUTÁRIA

A instituição "universidade pública" é regida sob seus estatutos e regimentos, coleção de leis, resoluções, portarias e normas que determinam as atividades profissionais a serem desempenhadas no dia a dia. Para o âmbito desta pesquisa, a análise está focada no Estatuto da Unesp, que define a organização da instituição em unidades e subunidades, bem como define as funções de cada uma delas.

A análise da configuração estatutária partiu da caracterização do ateliê–laboratório como espaço físico no qual se realizam as atividades de ensino superior de artes para, em seguida, aplicar a identificação e interpretação das diretrizes administrativas contidas no Estatuto da Unesp.

O ateliê-laboratório é o ambiente de práticas pedagógicas para o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento artístico-científico no curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais (Blav), as quais são promovidas pelo Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (DAP-IA-Unesp).

Na dimensão espaço-temporal, o ateliê-laboratório é o lugar de reunião de artistas, professores, pesquisadores e gestores para o exercício das atividades de ensino-aprendizagem. Nesse lugar físico se manifesta o lugar didático-científico-administrativo, o qual materializa na prática diária a organização da Unesp, prevista no Capítulo II Da Organização Artigo 3º do Estatuto:

A organização da Unesp obedece às seguintes diretrizes:

I – universalidade do conhecimento;

II – cooperação entre os Institutos, Faculdades e Campus responsáveis pelos estudos e atividades necessárias a cada curso, projeto ou programa;

III – estruturação baseada em Departamentos reunidos em Institutos ou Faculdades integrados em Campus;

IV – indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;

V – descentralização administrativa e racionalidade de organização, com plena utilização de recursos humanos e materiais;

VI – participação do corpo docente, do corpo discente, do corpo técnico e administrativo e da comunidade local e regional nos órgãos colegiados;

VII – unidade de patrimônio e de administração.

O corpo docente do DAP é constituído atualmente por 12 professores para os quais são atribuídas as atividades indissociáveis de ensino-pesquisa-extensão-gestão no âmbito de conhecimento de Artes Visuais. Nove professores atuam na linha de pesquisa *Processos e Procedimentos Artísticos e três na linha Abordagens Teóricas, Históricas e Culturais da Arte*, o que evidencia a importância do ateliê-laboratório para o desenvolvimento das diversas atividades acadêmicas de ensino superior de artes no DAP.

Hoje, se exige um perfil profissional múltiplo para a docência no DAP, ou seja, é necessário o desdobramento do professor (transmissor de conhecimento consolidado em sala de aula) em: 1. pesquisador (produtor de conhecimento inusitado no laboratório); 2. artista (aplicador de conhecimento no ateliê); e 3. gestor (administrador das atividades de conhecimento na universidade).

Esse desdobramento reflete a definição estatutária, a qual está definida na Seção III Dos Departamentos, Artigo 50 do Estatuto: "O Departamento é a unidade básica da estrutura

universitária e integra, para efeito de organização didático-científica e administrativa, disciplinas afins de um campo do conhecimento".

Cada docente tem suas múltiplas atividades reunidas em uma Proposta de Atividade Docente (PAD), trienal, elaborado pelo próprio professor e submetido à apreciação pelos seus pares no respectivo Conselho de Departamento. Atualmente, existe uma planilha com pontuação quantitativa e qualitativa para os diversos subitens dessas atividades para que o profissional contratado seja, ao mesmo tempo: artista e professor e pesquisador e gestor. As promoções verticais e horizontais estão ligadas diretamente ao desempenho mensurado nos relatórios anuais e trienais sobre essa planilha.

A produção artístico-científica do DAP reflete o caráter didático-científico-administrativo da organização da universidade, suscitando uma questão para pensar/sentir: qual a presença do artista nessa universidade?

Por força da PAD nenhum contratado pode ser exclusivamente artista, pois necessariamente deverá ministrar pelo menos oito horas de aula por semana no ano, conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e desenvolver projeto de pesquisa científica, consoante Critérios Mínimos para o Desempenho Docente, aplicados pela Comissão Permanente de Avaliação (CPA). Por média aritmética, a parte de artista compreenderia 25% da carga horária do artista-professor-pesquisador-gestor, entretanto há uma distribuição real ponderada para 40 horas semanais: 12h para ensino, 20h para pesquisa, 4h para extensão, 4h para gestão.

Surge a dúvida quantitativa: qual a carga horária que esse profissional tem para ser artista presente na universidade? A primeira tentativa de classificação do fazer artístico recai sobre as quatro horas de extensão, pois essa atividade é ligada às atividades comunitárias de prestação de serviço e de cultura. Por exemplo, é possível o exercício de atividade de curadoria ou montagem de exposição nessas quatro horas de extensão. Outra possibilidade está nas 20 horas destinadas à pesquisa, desde que se entenda válida a produção artístico-científica. Fica inviável a utilização das quatro horas de gestão e das 12 horas de ensino para desenvolvimento da expressão artística.

No DAP, em média, cada professor ministra no ano três disciplinas de graduação (duas obrigatórias e uma de atividade programada) e uma de pós-graduação; desenvolve um projeto de pesquisa no DAP e outro no Programa de Pós-Graduação em Artes; participa de um projeto de extensão; participa de alguma comissão (de ensino, de pesquisa, de extensão, de administração), colegiado (conselho de departamento, conselho de curso, congregação, câmara central da reitoria) ou função administrativa (chefia de departamento, coordenação de curso), atendendo documento CPA:

O princípio básico do processo de Avaliação Docente está solidamente consolidado na legislação da Unesp e assenta-se, sem a menor sombra de dúvida, no clássico tripé Ensino-

-Pesquisa-Extensão, sem o qual não se pode conceber um ensino de qualidade, em qualquer de seus níveis.

Este Grupo de Trabalho entende que apenas por uma questão operacional o processo de avaliação docente aprovado pelo Cepe está subdividido em cinco dimensões: graduação; pós-graduação; pesquisa; extensão universitária e gestão. O instrumento a ser utilizado na coleta dos dados do trabalho docente é a plataforma recentemente criada pela Universidade para centralizar as informações dos docentes: o *Lattes Institucional* (UNESP, 2010).

A produção artístico-científica do DAP IA é resultado da organização da Unesp, refletindo diretamente duas diretrizes: 1. a estruturação baseada em Departamentos reunidos em Institutos ou Faculdades integrados em Campus; e 2. a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Isso significa que "o Departamento é a unidade básica da estrutura universitária e integra, para efeito de organização didático-científica e administrativa, disciplinas afins de um campo do conhecimento" (UNESP, 2008, p. 27).

Conforme a Seção III, Dos Departamentos, Artigo 51 do Estatuto, compete ao Departamento:

- I – ministrar disciplinas de cursos de graduação e de pós-graduação, bem como de cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão e outros;
- II – promover o desenvolvimento de linhas de pesquisa;
- III – promover a extensão universitária;
- IV – incentivar a promoção de programas interdepartamentais, interunidades ou interuniversidades;
- V – propor medidas de caráter administrativo para o desenvolvimento dos programas de trabalho;
- VI – organizar o plano de atividades do Departamento;
- VII – propor a criação, a extinção ou a redistribuição de disciplinas;
- VIII – promover e supervisionar as solicitações de financiamento de pesquisas;
- IX – coordenar os pedidos de bolsas de estudo;
- X – realizar anualmente a avaliação das atividades desenvolvidas.

A primeira análise desse conjunto de dez competências administrativas (válidas para todos os departamentos da Unesp) permite evidenciar a ausência de previsão explícita para o exercício da função profissional, no caso do DAP a função de artista.

QUESTÃO N. 2 – SABER ARTES: UMA VAIDADE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO?

Por que a arte precisa ser científica? Por que o artista procura a universidade? Para que serve saber artes? Por que aprender arte na universidade?

A importância do convívio com as artes é ressaltada por muitos educadores, destacando as concepções e práticas pedagógicas de um deles, bastante envolvido com a pedagogia socializante:

Freinet propiciou também a criação de peças infantis, estimulando assim, cada vez mais, as reuniões artísticas e recreativas, que ele considerava tão importantes quanto o estudo de Geografia, de História, de Ciências e de Matemática e o trabalho na horta e na marcenaria (SAMPAIO, 1989, p. 29).

A arte está presente na formação nos ciclos básicos do ensino fundamental e médio, na formação humanística do indivíduo para exercício da plena cidadania. Então, é possível desejar o prosseguimento dessa presença da arte na formação profissional no ensino superior. Esse desejo justifica a procura do aperfeiçoamento da arte no âmbito da universidade.

PROTÓTIPO N. 2 – ANÁLISE DE ARTISTAS NO PÓS-DOUTORADO

A questão norteadora da pesquisa foi: quais as formas de presença do artista na universidade contemporânea? A metodologia utilizou a observação de ações indissociáveis de ensino-pesquisa-extensão-gestão no ateliê-laboratório para identificação e conceituação do que é ser artista na contemporaneidade.

É fundamental a pergunta formulada por Marcos Rizolli (2005, p. 3) "o que é ser artista no mundo contemporâneo?" para se procurar resposta em artistas e em pesquisadores.

Ao artista Pablo Picasso são atribuídas as seguintes frases: "Eu não procuro, eu acho" e "A qualidade de um pintor depende da quantidade de passado que carrega consigo", as quais poderiam ser somadas ao conceito de "serendipidade", capacidade de lidar com descobertas acidentais em ciência, proposto pelo pesquisador Royston Roberts. Esses sentimentos-pensamentos, presentes em um artista e em um pesquisador, motivaram outros dois artistas pesquisadores que, também professores universitários de arte, procuraram o estágio de pós-doutorado para desenvolver pesquisa sobre pensamento/sentimento do artista professor na universidade pública.

A equipe de três autores e artistas e professores e pesquisadores e gestores ficou assim constituída:

1. Pelópidas Cypriano de Oliveira, cineasta, professor de mídia no curso de Artes Visuais do IA Unesp, PAD intitulado Kine Arché media: um professor com uma bottega neorrenascentista.
2. Rubens Eduardo Monteiro de Toledo, cineasta, professor de fotografia cinematográfica no curso de Cinema da FAAP, projeto de pós-doutorado intitulado *Artemídia produtora*: produção artístico-científica de poéticas cinematográficas digitais.
3. Marcos Rizzoli, artista plástico, professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, linha de pesquisa: Linguagens e Tecnologias, líder de grupo de pesquisa: Arte e Linguagens Contemporâneas Mackenzie, projeto de pós-doutorado intitulado *Artemídia presente*: o artista e o ateliê na universidade.

Os autores e pesquisadores e professores e artistas se propuseram a uma experiência no ateliê-laboratório para a proximidade etimológica de "saber" e "sabor", isto é, para enfrentar uma vivência de experimentação que levaria ao conhecimento. Para tanto, seria necessário escolher uma pedagogia adequada para o processo de ensino-aprendizagem no ateliê-laboratório. Para depois o conhecimento produzido no pós-doutorado ser difundido em outras instâncias, por exemplo, no aperfeiçoamento de professores pesquisadores (mestrado e doutorado) e na formação de professores e bachareis (TCC, IC).

QUESTÃO N. 3 – ENSINO-APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA?

Como ensinar o docente a aprender com seu aluno?

Tratar o aluno como artista, essa deve ser a diretriz para uma boa condução pedagógica e uma salutar relação ensino-aprendizagem contemporânea, principalmente nas disciplinas ligadas às artes. O docente deve aprender como seu aluno aprende, pois atualmente as gerações estão expostas aos meios eletrônicos desde a mais tenra infância. Gerações que foram alfabetizadas no contexto dos computadores pessoais e da internet já estão chegando à universidade, portanto, é preciso que o docente se atualize sobre as formas de aprender nessa perspectiva artemidiática. Aquele professor que não conseguir se atualizar terá muita dificuldade para continuar a ensinar conforme os preceitos que ele próprio vivenciou no seu processo de aquisição de conhecimento.

Daí a importância de se inspirar numa prática pedagógica mais ajustada às necessidades do mundo atual.

PROTÓTIPO N. 3 – ANÁLISE DA CIBERNÉTICA PEDAGÓGICA FREINETIANA

A investigação que os autores vêm empreendendo, em projetos departamentais e de pós-doutoramento, tem como objetivo identificar e promover ações de ensino-aprendizagem de artes visuais no ateliê-laboratório sob inspiração da Cibernética Pedagógica Freinetiana.

Aplicou-se a pedagogia socializante de Celestin Freinet ao contexto artemidiático da Cibernética Pedagógica:

A metodologia, numa perspectiva dialética, utiliza como procedimentos artístico-científicos: a elaboração, a aplicação e a avaliação de protótipo de artemídia. O projeto desenvolve uma versão para o ensino superior, a educação à distância e a educação continuada da pedagogia proposta pelo educador Celestin Freinet. Aplica os conceitos de Cibernética Pedagógica alinhados por Osvaldo Sangiorgi (a partir de Norbert Wiener, Helmar Frank, Stafford Beer, Ross Ashby) à construção de protótipos para ensino-aprendizagem na interface arte-mídia (PEL; CURY, 2009b, p. 2).

A essa conceituação de Cibernética Pedagógica acrescentou-se a prática pedagógica na abordagem Freinetiana:

Convém salientar que, antes mesmo da chegada de Elise, Freinet, motivado pela atmosfera criada pela livre expressão, já se preocupava em melhorar ainda mais as possibilidades artísticas em sua classe. Assim, sempre buscando tirar o melhor proveito do que havia de mais moderno, obteve um fonógrafo para que os discos pudessem auxiliá-lo nas atividades musicais. Conseguiu também uma Pathè-Baby, a máquina de cinema da época, e assim pôde exibir para as crianças filmes educativos e recreativos (SAMPAIO, 1989, p. 29).

No início do século XX, em algumas aldeias da França, Freinet estimulava as vivências artísticas na escola, trazendo inovações artemidiáticas de seu tempo, por exemplo, os equipamentos para exibição de filmes educativos e recreativos. No clássico livro *Recursos audiovisuais na escola*, de Walter Arno Wittich e Charles Francis Schüller (tradução nos anos 1960 do título original norte-americano *Audiovisual materials: their nature and use*), também se registra a importância da utilização pedagógica dos meios audiovisuais.

Este capítulo traça ligeiramente o histórico do filme educativo, descreve como produz a impressão de movimentos e sons naturais, explica as características que fazem dele valiosa experiência de aprendizagem e analisa algumas das responsabilidades que o professor assume ao utilizar o cinema em sala de aula (WITTICH; SCHULLER, 1968, p. 325).

Ainda hoje se aplica o cinema ao ateliê-laboratório, mormente se entendido no sentido mais amplo de games, cinema interativo, dispositivos móveis etc.

O ensino da arte deve guardar consonância com o momento atual. A sala de aula deve ser um espelho do atelier do artista ou do laboratório do cientista. Neles são desenvolvidas pesquisas, técnicas são criadas e recriadas, e o processo criador toma forma de maneira viva, dinâmica (MOREIRA; AGUIAR, 2010).

O nome renascentista bottega, para designar o local de trabalho dos artistas, se aplica contemporaneamente ao ateliê-laboratório.

A BOTTEGA

Assim são chamados os ateliês florentinos da Renascença. São sempre dirigidos por um artista de muito talento. Os alunos vão ali aprender pintura, escultura, trabalhos em bronze etc. Criam, sob a direção de um mestre, obras coletivas. A *bottega* é um tipo de canteiro permanente de obras. Uma multidão de aprendizes de todas as idades comprimem-se nas *bottegas*. Os mais jovens lavam os pincéis, amassam as tintas em grandes almofarizes, preparam telas, arrumam as ferramentas dos escultores... (NAUDÉ, 1996, p. 14).

O artista precisa se sentir bem num lugar próprio seu: o ateliê-laboratório. Nesse lugar apropriado, aplica-se uma versão universitária do ensino de artes para o tradicional princípio de Freinet: "Invariante Nº 1 A criança e o adulto têm a mesma natureza" (SAMPAIO, 1989, p. 81). O binômio *criança-adulto* da invariante original transforma-se no binômio *aluno-artista* para a versão universitária. Se a criança pode ser tratada como adulto por ter a mesma natureza, então, no ateliê-laboratório, o aluno pode ser tratado como artista, embora em formação, mas com a mesma natureza.

QUESTÃO N. 4 – ENSINO–PESQUISA–EXTENSÃO–GESTÃO NO ALICE?

Como ajeitar o "cantinho" do artista? Como arrumar um cantinho para fazer bagunça? Como arrumar um "tempinho" para ser artista?

PROTÓTIPO N. 4 – ANÁLISE DO ATELIÊ–LABORATÓRIO

Os dados foram levantados, tratados e discutidos no Ateliê-Laboratório de Imagem-Cinética-Eletrônica (Alice), pertencente ao Grupo de Pesquisa Artemídia e Videoclip, do qual os autores são membros.

O artista precisa sentir-se artista. O primeiro passo do DAP nesse sentido foi consolidar a estrutura física disponível desde a mudança do prédio do bairro do Ipiranga para o da Barra Funda, em 2009. Em 2012, nove, dos 12 professores do DAP, estão com seu ateliê-laboratório em condições físicas de ensino. Entretanto, esses docentes precisam cumprir a planilha de sua avaliação como professor de universidade pública, cobrindo todas as quatro dimensões: Gestão, Ensino, Pesquisa e Extensão. Então, precisam "arrumar um tempinho" para cumprir essas dimensões e, com isso, sentirem-se artistas. Para desenvolver essa experiência de realocação e redimensionamento de tempos e métodos do trabalho acadêmico do DAP aplicou-se no Alice um esforço multidimensional com os seguintes integrantes:

Gestão. Procurou-se direcionar parte da atividade de Chefia do Departamento de Artes Plásticas para configurar a "presença do artista" (como gestão do ateliê-laboratório) por meio do Projeto Trienal do DAP do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano, intitulado "Kine Arché Media: um Professor com uma Bottega Neorrenascentista", materializado administrativamente pelo exercício da chefia do DAP desde 2010.

Pesquisa. Caracterizou-se a "presença do artista" no ateliê-laboratório com a execução de parte da atividade de pesquisa de dois estagiários de pós-doutorado (Prof. Dr. Rubens Toledo e Prof. Dr. Marcos Rizolli) e de uma bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Pibic CNPq/Unesp (Maira Coelho, aluna do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais).

Extensão. A "presença do artista" ficou marcada pelos protótipos de: 1. realização de cinco videoclips de bandas cover de rock (relativos à disciplina "Empreendedorismo em Artes" do BLAV em parceria com o Prof. Dr. Renato Moraes e Prof. Dr. David Nakano do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo); 2. gravação dos recitais de alunos do Curso de Bacharelado em Música – Instrumento Piano (em parceria com o Prof. Dr. André Rangel, Profa. Dra. Gloria Machado, Profa. Ms. e doutoranda Anna Claudia Agazzi). Esses protótipos de "presença de artista" no ateliê-laboratório foram executados pelos participantes dos Projetos de Extensão "AJA – A Júnior Artes – Empresa Júnior do Instituto de Artes da Unesp", "Plano 8 – Clube de Cinema do Instituto de Artes da Unesp" e "BAE III Monitor do Alice".

Ensino. Na dimensão graduação efetivou-se a "presença do artista" por meio das oficinas pedagógicas oferecidas pela Comissão Local do Instituto de Artes do Núcleo de Estudos e Práticas Pedagógicas (Pró-Reitoria de Graduação Prograd). Nas orientações de Trabalho de Conclusão de Curso os orientandos tiveram oportunidade de vivenciar o exercício da atividade artística com a reflexão acadêmica exigida para a monografia. Na dimensão pós-graduação destacou-se a "presença do artista" no ateliê-laboratório com a divulgação do Projeto de Pós-graduação Célio Martins da Matta na Revista Unesp Ciência:

Design aplicado

Em seu mestrado, defendido em 2011, Célio partiu do princípio de que seria necessário um ambiente específico e facilitador, no qual os usuários artistas pudessem trabalhar seus conceitos criativos de artes visuais em duas e três dimensões. O intuito foi analisar e propor um ambiente que servisse de suporte aos estudos de artistas que trabalham com imagens, sendo utilizado e organizado como um laboratório de experimentação (D'AMBROSIO, 2012b, p. 44-45).

Os protótipos, acima elencados, desenvolvidos nesse "cantinho" denominado Alice permitiram obter "um tempinho" para identificar a "presença do artista" na perspectiva das cinco dimensões da avaliação do trabalho docente no DAP (graduação, pós-graduação, pesquisa, extensão, gestão).

QUESTÃO N. 5 – AUTORRETRATO DO ATELIÊ-LABORATÓRIO?

Qual o retrato do Departamento de Artes Plásticas?

Desde os primórdios do que se pode considerar "artista plástico/visual" temos o "retrato" como identificador típico dessa função. Muitos artistas se consagraram pela sua capacidade de retratar, ou seja, de relatar em formas visuais as pessoas, paisagens, fatos, temas etc. O artista visual é criador de ideias visuais e materializa suas concepções em mídias. Alguns artistas fizeram retratos de si mesmos, ou projeções de seu tempo em seu autorretrato.

Três artistas doutores, participantes do Programa de Pós-doutorado, buscaram identificar a "presença do artista na universidade" ao esboçar um retrato do Departamento de Artes Plásticas. Essa pesquisa na linha Processos e Procedimentos Artísticos teve como metáfora norteadora (e inspiradora) o "autorretrato". Tal atitude implicou a Cibernética Pedagógica Freinetiana como metodologia contemporânea para lidar com o conceito atualizado de autorretrato. No tempo das telas pintadas ou dos desenhos em papel, o artista poderia dar conta sozinho de seu próprio retrato. Mas, depois da fotografia e do cinema, que envolvem equipe para manuseio de várias operações, o próprio retrato é um produto coletivo. No caso do autorretrato do DAP os conceitos precisam ser mais discutidos, pois surgem as seguintes perguntas: quem compõe o DAP? São somente os 12 professores lotados no departamento? Incluem-se os quatro servidores técnico-administrativos? Excluem-se os alunos matriculados nos diversos cursos? Contam-se os professores substitutos, temporários, palestrantes, doutorandos e estagiários de pós-doutorado?

A pesquisa buscou reflexão sobre algumas questões candentes da contemporaneidade do ensino de arte na universidade, tais como: internacionalização da produção; qualidade x quantidade da produção acadêmica; propriedade intelectual; direitos autorais; pagamento do trabalho; reconhecimento da produção artístico-científica pelas outras áreas do conhecimento.

PROTÓTIPO N. 5 – ANÁLISE DA IMAGEM DO ARTISTA NA UNIVERSIDADE

O resultado permitiu esboçar um panorama da produção artístico-científica do Departamento de Artes Plásticas IA Unesp, revelando um autorretrato do ateliê-laboratório com seus vários tipos de artista: professores, técnicos, alunos, pesquisadores, extensionistas, gestores, convidados e outros.

A reflexão sobre a contemporaneidade da divulgação e difusão da produção artístico-científica propiciou aos três artistas gestores concluírem a pesquisa de pós-doutoramento com relato em suporte artemidiático, com várias versões customizadas para os respectivos meios utilizados.

No presente texto, destinado à publicação em revista acadêmica online, os autores-extensionistas procuraram explorar o potencial de expressão artístico-científica no formato de arquivo pdf, sob as indicações editoriais, com liberdade para manifestações em metalinguagem.

Para materialização verbo-visual das reflexões sobre a presença do artista na universidade, em especial no "autorretrato do ateliê-laboratório do Departamento de Artes Plásticas", os autores-artistas criaram uma página-painel para cada um dos doze professores do DAP. Cada página-painel é uma colagem de citações verbais tradicionais e de recortes de imagens constantes no mesmo documento gráfico (*Revista Unesp Ciência*), portanto, uma atividade artística de edição a partir de apropriação de fragmentos de texto gráfico impresso e disponível em arquivo pdf na internet.

Os autores pesquisadores escolheram para extração dos fragmentos o documento de publicação da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), em especial uma série de matérias sobre os professores do DAP, projeto editorial concebido e realizado pelo jornalista Oscar D'Ambrosio (editor-chefe da ACI) com fotos produzidas pelo fotógrafo Luís Machado.

Os autores professores utilizaram a noção vulgar de "inteligência coletiva" em navegação e apropriação na internet (WIKIPEDIA, 2012). A apropriação desse conceito presente no cyberspaço aproximou o trabalho coletivo para criação do autorretrato, ensejando solicitar um diálogo adicional com a ACI para obtenção de uma seleção de fotos inéditas do acervo do projeto editorial, a serem utilizadas em publicação futura.

Ficou configurado o seguinte *briefing* para autorretrato do DAP:

Doze doutores, ou seja, profissionais qualificados para o exercício da atividade de pesquisa, produção de novos conhecimentos (nove professores com ateliê-laboratório, três professores teóricos).

Quatro professores ingressantes (com mais de 20 anos de exercício profissional fora da universidade pública como artista e professor), com perspectiva de 20 anos de trabalho na Unesp.

O professor artista é vítima da própria linha de pesquisa, processos e procedimentos artísticos, pois tem de descobrir o modo de comportamento no ateliê-laboratório.

ALCINDO MOREIRA FILHO

O acumulador de imagens.

Seus parâmetros de elaboração e reflexão são os mesmos da criança em seu processo de aprendizagem: contemplar tudo atentamente, decompor as partes e interagir com o todo, sob perspectivas inovadoras.

Essa atividade, pelo seu caráter questionador, já é arte – e das densas, aquelas que nos deixam com a testa franzida de perguntas e a alma ansiosa por respostas. Da conjugação das atividades de artista e professor, surge um ser humano completo, um acumulador de imagens, pronto a cerzir os nós aparentemente desatados da vida, sempre pronto a ser o que ainda não é, mas não sendo o que se espera que ele seja (D'AMBROSIO, 2009a, p. 42-43).



Figura 1 Artista do acúmulo.

Fonte: Acervo dos autores.

NORBERTO STORI

Entre a aquarela e a gravura.

Norberto Stori, no ateliê, no 22º andar de um edifício ao lado da Praça Roosevelt, centro de São Paulo, não tem medo da crítica. Persistente e inconformado com os próprios resultados, não vê a aquarela ou a gravura como universos fechados da criação. Encontra em cada técnica um repertório a ser ampliado e desvendado. Persegue novos desafios para elaborar crepúsculos inconfundíveis e muito pessoais, marca de quem se lança em aventuras estéticas possíveis de serem atingidas com sucesso apenas por quem alia à pesquisa constante o conhecimento técnico e uma boa dose de intuição e sensibilidade (D'AMBROSIO, 2009b, p. 44-45).

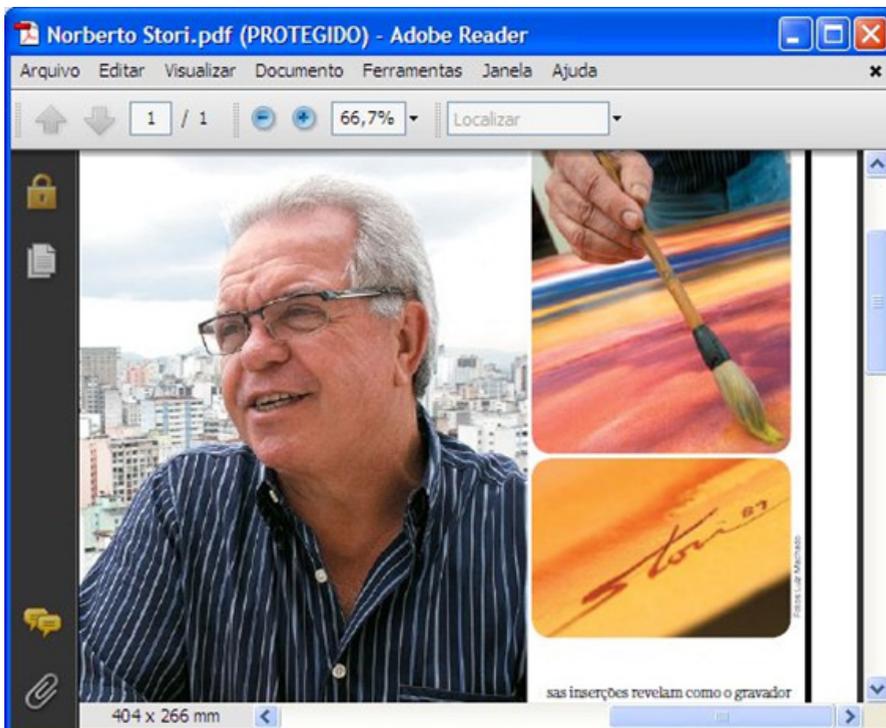


Figura 2 Artista entre desafios.

Fonte: Acervo dos autores.

SERGIO ROMAGNOLO

Quando as artes plásticas viram literatura.

Romagnolo tem uma trajetória caracterizada por uma visão do mundo que considera o cotidiano como elemento fundamental. Ele é a matéria-prima a ser desmontada, deformada e reapresentada de uma nova maneira, provocando o observador a olhar o próprio entorno de maneira renovada (D'AMBROSIO, 2009c, p. 44-45).



Figura 3 Artista transformador.

Fonte: Acervo dos autores.

MILTON SOGABE

O encontro da arte com a tecnologia.

Sogabe vê a arte hoje cada vez mais como um trabalho de grupos de profissionais de diversas áreas. De caráter interdisciplinar, essas associações têm duas características: ampliar a participação da tecnologia no processo criativo e aumentar as pesquisas teóricas, feitas principalmente por professores de pós-graduação sobre as obras que eles mesmos executam (D'AMBROSIO, 2010a, p. 44-45).



Figura 4 Artista do encontro tecnológico.

Fonte: Acervo dos autores.

JOSÉ SPANIOL

Relações entre objeto e espaço.

As criações de José Spaniol, sejam as realizadas para galerias ou para o Mosteiro de São Bento, não se limitam a ser um ponto de partida para uma reflexão estética. Constituem, em si mesmas, um resultado visual e plástico de rara simplicidade, beleza e densidade, numa experiência que convida a múltiplas visões e permite desenvolver novos e surpreendentes conceitos (D'AMBROSIO, 2010b, p. 44-45).

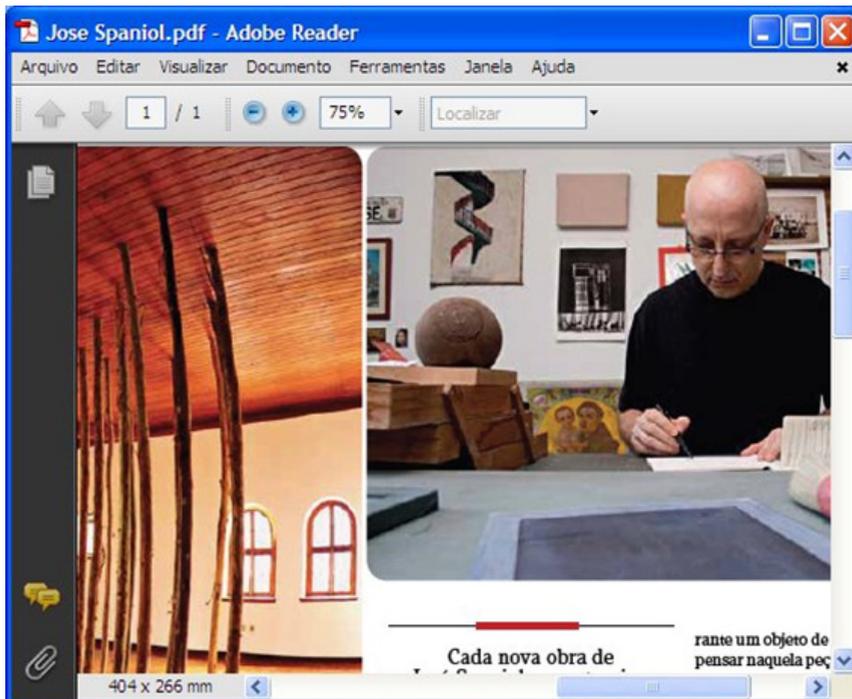


Figura 5 Artista das múltiplas visões.

Fonte: Acervo dos autores.

PERCIVAL TIRAPELI

Labirintos do Barroco.

A trajetória de Percival Tirapeli dá-se num labirinto de signos, imagens e cores próprias e alheias. Seu poder de maravilhar os outros, seja na forma de dar uma aula ou de construir sua obra plástica, está na rara força de amalgamar originalidade, vocação para o ensino, ousadia de criar e talento para transformar cada trabalho numa imagem ou ação não cotidiana e inesquecível (D'AMBROSIO, 2010c, p. 44-45).

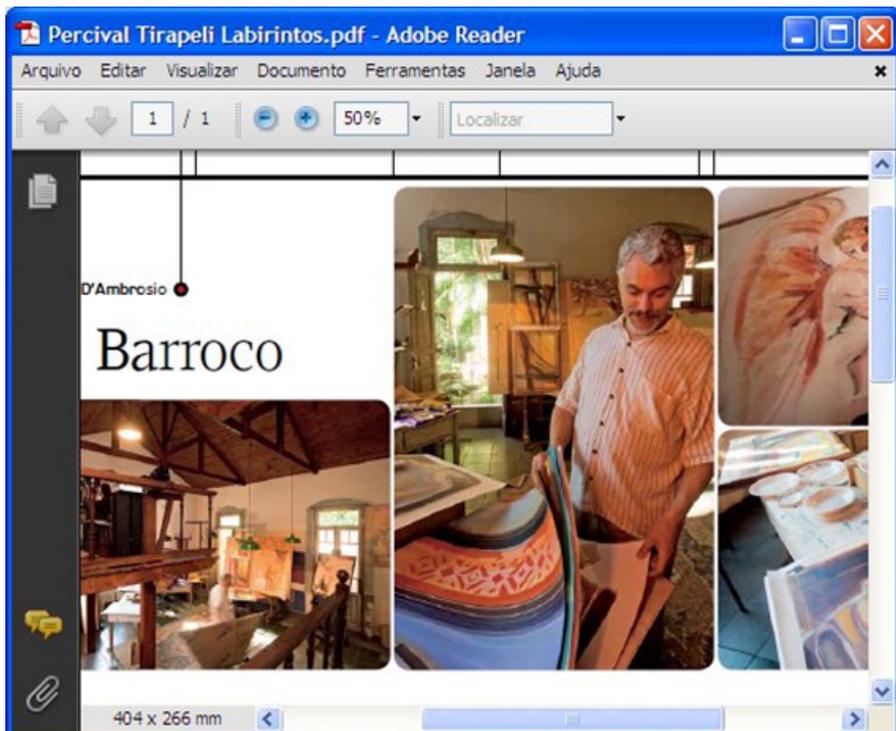


Figura 6 Artista de signos e imagens.

Fonte: Acervo dos autores.

LALADA DALGLISH

A arte cotidiana das ceramistas populares.

Ao se hospedar na casa delas, Lalada, que é Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília, graduada pelo The Evergreen State College e mestre em Artes Plásticas pela Universidade de Puget Sound (ambos em Washington), percebeu também que o ateliê é integrado ao cotidiano dos afazeres domésticos. A modelagem e a queima das peças são interrompidas inúmeras vezes por atividades como preparar o café da manhã, pentear o cabelo das crianças, cozinhar, lavar roupa ou capinar a roça (D'AMBROSIO, 2010d, p. 44-45).



Figura 7 Artista da cerâmica.

Fonte: Acervo dos autores.

LUIZ MONFORTE

A fotografia como um teatro.

Monforte costuma valer-se de procedimentos técnicos que podem tardar até seis meses e pedem muito pouco investimento e espaço físico. Ele trabalha, por exemplo, com exposição à luz do sol, revelação com água e materiais como clara de ovo (D'AMBROSIO, 2010e, p. 44-45).



Figura 8 Artista de conceitos e procedimentos técnicos.

Fonte: Acervo dos autores.

OMAR KHOURI

Prosa de um desaparecido.

Para o futuro, o artista tem muitos planos, como reunir todos os artigos que produziu para jornais sobre Teoria da Comunicação, História da Arte, Teoria e Crítica da Arte. Parte dos textos é sobre artistas jovens que hoje estão ingressando no mercado de arte. Há também o desejo de publicar uma reunião de trabalhos de poesia visual, como uma série de histórias em quadrinhos sem figuração tradicional e sem textos (D'AMBROSIO, 2011b, p. 44-45).



Figura 9 Artista de prosa e verso.

Fonte: Acervo dos autores.

ROSANGELLA LEOTE

Performances biocibernéticas.

A aproximação da universidade aconteceu pela necessidade de pesquisar cada vez mais as novas tecnologias. Percebeu que o processo da *performance* está ligado à reflexão no meio acadêmico, em que encontra o suporte necessário para a produção da sua obra. Por outro lado, a academia retarda um pouco a prática artística, pois não é possível afastar-se das pesquisas, das atividades didáticas e dos alunos (D'AMBROSIO, 2011c, p. 44-45).



Figura 10 Artista das performances biocibernéticas.

Fonte: Acervo dos autores.

AGNUS VALENTE

Linguagens híbridas

Atualmente, suas pesquisas são mais tecnológicas, embora também venha atuando num processo que junta instalação em espaço físico com extensão tecnológica. Ao buscar madeiras doadas para o ateliê do IA, viu um latão com pedaços pequenos. Quando começou a tocá-los, teve um insight e, colocando uns sobre os outros, começou um projeto. Após observar a estrutura que havia criado, decidiu fazer uma instalação de grande porte, onde o visitante terá uma sensação de vertigem (D'AMBROSIO, 2011a, p. 44-45).



Figura 11 Artista das linguagens híbridas.

Fonte: Acervo dos autores.

PELÓPIDAS CYPRIANO

Interface entre ciência e arte.

Pel busca consolidar, na pós-graduação, a forma conhecida como Trabalho Equivalente, que consiste na apresentação de uma realização artística que sirva como alternativa à apresentação de dissertação de mestrado e tese de doutorado. Nessa mesma linha, está entre suas preocupações o funcionamento cada vez mais próximo dos ateliês-laboratórios do Departamento de Artes Plásticas como locais onde a arte e a ciência possam se encontrar no fazer e no pensar (D'AMBROSIO, 2012a, p. 44-45).



Figura 12 Artista do ateliê-laboratório.

Fonte: Acervo dos autores.

QUESTÃO N. 6 – FUTURO DO ARTEMÍDIA PRESENTE?

Tá, e aí? Qual o próximo passo?

O próximo passo é a consolidação da presença do artista na universidade, o que se obterá pela crescente transformação do tempo de dedicação ao "fazer artístico" e o consequente "ser artista". Essa postura essencial será resultado da prática diária nas diversas atividades universitárias.

Este trabalho dos autores será um exemplo da postura almejada se:

1. os autores puderem se sentir "artistas presentes na universidade" ao publicar a reflexão sobre a atual ausência;
2. os autores tiverem reconhecida a presente pesquisa de pós-doutoramento como produção artístico-científica, portanto fruto da presença do artista na universidade;
3. os autores conseguirem ampliar o seu tempo para o trabalho como artistas na universidade.

PROTÓTIPO N. 6 – ANÁLISE DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Finalmente, a análise do PDI indica o futuro do artista no DAP:

Ser referência nacional e internacional de Universidade Pública multicampus, de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, que forme profissionais e pesquisadores capazes de promover a democracia, a cidadania, os direitos humanos, a justiça social e a ética ambiental, e que contribua para o letramento científico da sociedade e para a utilização pública da ciência (UNESP, 2009, p. 24).

Para que a presença do artista na universidade seja uma referência nacional é importante:

1. a presente publicação em periódico do resultado do trabalho multi-institucional de três artistas no Programa de Pós-doutorado como difusão da produção artístico-científica; 2. a organização de evento mais apropriado à discussão da presença do artista na universidade, projeto do Prof. Dr. Ricardo Zani a ser desenvolvido no Programa de Pós-doutorado.

No plano de referência internacional será importante o evento "Eleven-Twelve Project" do Convênio Unesp-New Jersey City University.

Apropriação do conceito de professor do futuro com a inteligência coletiva no *site* de busca *Wikipedia*:

Segundo essa perspectiva, o professor do futuro desempenha o papel de estimular os estudantes, facilitando a troca de informações e a construção do conhecimento a partir do debate e da crítica, aprendendo e ensinando simultaneamente. Com os recursos da internet, fica cada vez mais fácil lançar mão dessas possibilidades para ampliar (no tempo e no espaço) a inteligência coletiva.

Como resultado de uma mobilização e integração dos conhecimentos globalmente dispersos, a inteligência coletiva tende a desconcentrar os poderes e valorizar a participação de cada indivíduo, resultando daí o reconhecimento e o enriquecimento cultural de todos.

A interconexão generalizada entre as pessoas tem chamado a atenção de muitos teóricos (WIKIPEDIA, 2012).

A autoria da última citação, atribuída à "pessoa coletiva" Wikipedia, reflete o conceito de "inteligência coletiva" presente na definição enciclopédica, o qual os três autores se apropriam para encerrar o presente texto propondo a paráfrase "estesia coletiva" para ensejar o futuro da ativa presença do artista na universidade.

Present artmedia: teaching–research–extension at atelier–laboratory

Abstract – Present Artmedia is a term that expresses the research on the artist's presence in the contemporary university developing in atelier-laboratory, the inseparability of teaching-research-extension-management. The atelier-laboratory environment is the pedagogical practices for teaching and learning the artistic and scientific knowledge in the course of Bachelors Degree in Visual Arts (Blav), which are promoted by the Department of Fine Arts of the Art Institute of Universidade Estadual Paulista (DAP-IA-Unesp). The guiding question of the research was: what forms of presence of the artist in the contemporary university? The methodology used to observe actions inseparable teaching-research-extension-management atelier-laboratory for the identification and conceptualization of what is to be an artist nowadays. The research that the authors have been engaged in departmental projects and post-doctoral, aims to identify and promote actions of teaching and learning in the visual arts atelier-laboratory under inspiration of Frenetian Pedagogical Cybernetic. The data were collected, treated and discussed in Atelier-Laboratory of Image-Cinetic-Electronic (Alice), belonging to Group Research Artmedia and Videoclip, which the authors are members. The result allowed to draw a picture of artistic and scientific production of the Department of Visual Arts IA Unesp, revealing a self-portrait of the atelier-laboratory with its various types of artist: teachers, coaches, students, researchers, extension workers, managers, guests and others.

Keywords: art & media, atelier-laboratory, frenetian pedagogical cybernetic, artistic-scientific production, teaching and learning of visual art.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, O. A. F. O acumulador de imagens. *Revista Unesp Ciência*, n. 2, p. 42-43, out. 2009a. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/02/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Entre a aquarela e a gravura. *Revista Unesp Ciência*, n. 3, p. 44-45, nov. 2009b. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/03/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Quando as artes plásticas viram literatura. *Revista Unesp Ciência*, n. 4, p. 44-45, dez. 2009c. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/04/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. O encontro da arte com a tecnologia. *Revista Unesp Ciência*, n. 6, p. 44-45, mar. 2010a. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/06/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Relações entre objeto e espaço. *Revista Unesp Ciência*, n. 7, p. 44-45, abr. 2010b. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/07/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Labirintos do barroco. *Revista Unesp Ciência*, n. 8, p. 44-45, maio 2010c. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/08/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. A arte cotidiana das ceramistas populares. *Revista Unesp Ciência*, n. 10, p. 44-45, jul. 2010d. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/10/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. A fotografia como um teatro. *Revista Unesp Ciência*, n. 11, p. 44-45, ago. 2010e. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/11/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Linguagens híbridas. *Revista Unesp Ciência*, n. 23, p. 44-45, mar. 2011a. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/23/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Prosa de um desaparecido. *Revista Unesp Ciência*, n. 18, p. 44-45, abr. 2011b. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/18/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Performances biocibernéticas. *Revista Unesp Ciência*, n. 22, p. 44-45, ago. 2011c. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/22/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Interface entre ciência e arte. *Revista Unesp Ciência*, n. 27, p. 44-45, fev. 2012a. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/27/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

D'AMBROSIO, O. A. F. Design aplicado. *Revista Unesp Ciência*, n. 32, p. 44-45, mar. 2012b. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/revista_unesp-ciencia/acervo/32/arte>. Acesso em: 20 nov. 2012.

MOREIRA, C. A.; AGUIAR, G. P. Arte, prima pobre no ensino! *Revista UNIVAR*, n. 4, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.univar.edu.br/revista/downloads/arteprimapobre.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

NAUDÉ, A. *O ateliê de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Augustus, 1996.

OLIVEIRA, P. C. Artemídia clip-vidente: poéticas visuais na era da clip-visão global. In: NICOLA, R.; SALZEDAS, N. (Org.). *Série poéticas visuais: arte & tecnologia*. Bauru: Faac/Unesp, 2010. p. 43-60.

OLIVEIRA, P. C. Artemídia e urbanoautoctonia, configuração do meio ambiente artístico urbano global. In: AJZENBERG, E.; MUNANGA, K. (Org.). *Arte, cidade e meio ambiente*. São Paulo: PGEHA/Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2010. p. 165-167.

OLIVEIRA, P. C.; HELD, M. S. B. Artemídia acidente acedente: novos territórios do conhecimento artemidiático no ensino superior. In: OLIVEIRA, R. M. P. (Org.). *CIANTEC 2009 – III CONGRESSO INTERNACIONAL EM ARTES, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO*. Portugal: Universidade de Aveiro, 2009, p. 262-265.

OLIVEIRA, P. C. *Artemídia polivalente: ambiente de comunicação-educação-cultura artístico-científica na era digital*. São Paulo: Intercom, 2009a.

PEL, P. C.; CURY, L. *Artemídia condizente: protótipo de vivência comunicacional em cibernética pedagógica freinetiana*. São Paulo: ESPM, 2009b.

RIZOLLI, M. *Artista, cultura, linguagem*. Campinas: Akademika Editora, 2005.

ROBERTS, R. M. *Descobertas acidentais em ciências*. Campinas: Papirus, 1993.

SAMPAIO, R. M. W. F. *Freinet evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 1989.

UNESP. *Estatuto*. São Paulo: Unesp, 2008. Disponível em: <http://www.unesp.br//mostra_arq_multi.php?arquivo=6827>. Acesso em: 14 out. 2012.

UNESP. Ofício circular CPA 05/2010. *Critérios mínimos para o desempenho docente*. São Paulo: Unesp, 2010. Disponível em: <http://www.unesp.br/cpa//mostra_arq_multi.php?arquivo=6843>. Acesso em: 24 out. 2012.

UNESP. *Plano de desenvolvimento institucional da Unesp - PDI*. São Paulo: Unesp, 2009. Disponível em: <https://ape.unesp.br/pdi/execucao/PDI_Unesp.pdf>. Acesso em: 24 out. 2012.

UNESP. *Relatório final da avaliação de docente aprovado pelo Cepe*. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <http://www.unesp.br/cpa//listagem_links.php?grupo_link=155>. Acesso em: 24 out. 2012.

WIKIPEDIA. *Inteligência coletiva*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Inteligência_coletiva>. Acesso em: 24 out. 2012.

WITTICH, W. A.; SCHULLER, C. F. *Recursos audiovisuais na escola*. Portugal: Editora Fundo de Cultura, 1968.